

# PSICOLOGIA AMBIENTAL: ENTRE A ECOLOGIA DA ALMA DE MARQUES E A DIALÓGICA AMBIENTAL DE BUBER

Marcelo Silva de Souza Ribeiro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Psicólogo, Dr. em Educação. Professor da UNIVASF (Universidade Federal do São Francisco). Editor responsável da Revista de Educação do Vale do São Francisco – REVASF. Email : marcelo.ribeiro@univasf.edu.br / mribeiro27@gmail.com.

## RESUMO

Este texto objetiva discutir o sentido de ecologia da alma, tal como formulado por Marques (2012), e os possíveis desdobramentos com a dialógica ambiental, tomando como inspiração a filosofia dialógica de Martin Buber (1982, 1988), sobretudo a partir de suas obras, “Do Diálogo e do Dialógico” e “Eu e Tu”. Apostamos que o encontro das ideias seminais contidas em Marques e Buber nos ajudam a pensar e desdobrar, em termos teóricos e práticos, uma Psicologia Ambiental que, na esteira do que Afonso H. Lisboa da Fonseca (2014a, 2014b e 2014c) vem desenvolvendo, ou seja, uma Psicologia Ambiental que aponta para um outro modo de se relacionar e compreender o ambiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Ambiental, Ecologia da Alma, Diálogo.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss the direction of ecology of the soul, as formulated by Marques (2012), and possible developments with environmental dialogue, taking as inspiration the dialogical philosophy of Martin Buber (1982, 1988), especially from his works "From Dialogue and From Dialogue" and "I and You". We believe that the meeting of the seminal ideas contained in Marques and Buber help us to think and unfold in theoretical and practical terms, environmental psychology that, in the wake of that Alfonso H. Lisboa da Fonseca (2014th, 2014b and 2014c) has developed, ie an environmental psychology that points to another way of relating and understanding the environment.

**KEYWORDS:** Environmental Psychology, Ecology of the Soul, Dialogue.

## 1. COMEÇO DO FINAL

Vamos começar  
Colocando um ponto final  
Pelo menos já é um sinal  
De que tudo na vida tem fim  
(Paulinho Moska)

A finitude ou a temporalidade da existência marca a vida de modo sublime porque, no contínuo processo de fenecer e nascer, tudo se cria, tudo se compõe e decompõe de maneira única e rara. A vida é sublime porque não cansa de criar existências raras. O músico Paulinho Mosca compôs uma obra musical, “Tudo Novo de Novo” onde diz que todo começo deve ter um ponto final, justamente para lembrar que tudo tem um fim.

Este “começo do final”, portanto, que poderia também ser chamado de apresentação ou introdução, intenta lançar, ao tempo que situa o leitor na proposta do texto, múltiplos sentidos do fim, buscando lembrar da nossa passagem passageira, seja lá onde estivermos e como estivermos, um fim, por fim, para lembrar que a vida é única, é rara.

Assim, este texto objetiva discutir o sentido de ecologia da alma, tal como formulado por Marques (2012), e os possíveis desdobramentos com a dialógica ambiental, tomando como inspiração a filosofia dialógica de Martin Buber (1982, 1988), sobretudo a partir de suas obras, “Do diálogo e do dialógico” e “Eu e Tu”. Apostamos que o encontro das ideias seminais contidas em Marques e Buber nos ajudam a pensar e desdobrar, em termos teóricos e práticos, uma psicologia ambiental que, na esteira do que Afonso H. Lisboa da Fonseca (2014a, 2014b e 2014c) vem desenvolvendo, ou seja, uma psicologia ambiental que aponta para um outro modo de se relacionar e compreender o ambiente. Esta empreitada, portanto, tem como fontes inspiradoras o próprio contato pessoal com o Juracy Marques, conhecido como Jura e as experiências proporcionadas nos espaços por ele mediado. Tais experiências, embora sempre escapáveis na tentativa de explicá-las, foram formativas e constituidoras, pelo menos para mim, seja nos encontros internacionais de ecologia humana, nas idas ao campo (comunidades indígenas, terreiros) ou nas incontáveis conversações. Tenho tido a oportunidade de aprender, no contato sempre sensível e almado com Jura, a estar em relação com o ambiente de um modo contemplativo, construtivo, estético e não utilitarista.

Iremos, como já anunciado, trazer alguns elementos conceituais da obra Ecologia da Alma, focando a indissociabilidade da relação entre humano e natureza e como, dessa relação (intrínseca e indivisível), o humano se constitui. A partir desse foco, estabeleceremos correlações com a filosofia dialógica de Buber, sobretudo no que diz respeito aos dois modos primordiais de abertura do ser, que é a palavra princípio Eu-Tu e a palavra princípio Eu-Issó, e como essas aberturas também são constituidoras do humano e do ambiente. A ideia principal, finalmente, é que a alma, tal como entendida por Marques (2012), é uma valorização de um tipo de abertura do ser, em seu modo ontológico, o modo Eu-Tu.

Este texto é assumido em sua hibridade no sentido de compor um estudo bibliográfico, principalmente a partir de duas obras, *Ecologia Humana*, de Juracy Marques, e *Eu Tu*, de Martins Buber, com uma escrita do tipo ensaísta, aonde o autor se permite discorrer de modo mais pessoal, inclusive fazendo relações conceituais e teóricas, sobretudo com os trabalhos desenvolvidos por Afonso Henrique L. da Fonseca (2014a, 2014b, 2014c), que desenvolve uma compreensão de psicologia ambiental em uma perspectiva fenomenológica existencial.

A mensagem que seguiremos como pistas que são deixadas em trilhas é de que, contrário ao que se diz comumente, sobretudo no mundo do mercado (o atual mundo), de que ninguém é insubstituível, a “vida é tão rara” (vide a música “Paciência”, de Lenini). Isto implica dizer que a vida é rara em sua espécie, em seus indivíduos, em suas firmas, mas também em suas experiências, que são sempre singulares. A alma é rara, a relação Eu-Tu é irrepetível e inapreensível. Falar, portanto, de ecologia humana não é necessariamente querer congelar a vida para preservá-la em sua eternidade (até porque isso poderia significar a própria morte e ser mesmo anti-ecológico), mas antes saber re-conhecer as almas e desfrutá-las.

A eternidade aqui é entendida, portanto, de maneira diferente àquela trazida por Maffesoli (2013), que tem o instante como a vivência no presente e onde há a afirmação da processualidade da vida. A eternidade aqui é tomada como a negação da morte (que implica em superação da vida), portanto, uma suspensão da processualidade da vida.

## **2. SEGUINDO PISTAS ENTRE AS VEREDAS: ECOLOGIA DA ALMA E O ENCONTRO COM O DIALÓGICO**

Marques (2012) tem como uma das frases de abertura da obra *Ecologia da Alma*, a compreensão de Levi-Strauss de que qualquer pessoa inserida em contextos culturais, independentemente dos níveis tecnológicos de seus contextos, guarda

em si e ao mesmo tempo expressa a complexidade de suas culturas, porém de modo exclusivo, único e singular.

Quando uma personalidade morre, o que desaparece consiste numa síntese de ideias e de comportamentos tão exclusiva e insubstituível quanto a operada por uma espécie floral a partir de corpos químicos simplesmente usados por todas as espécies (LÉVI-STRAUSS, 1989: 239).

Em contrapartida, Levi-Strauss não antropocentriza a vida, mesmo considerando a especialidade e singularidade humana como fundante da cultura, ou seja, do mundo. Para Levi-Strauss: “O mundo começou sem o homem e vai terminar sem ele” (1989). Estes princípios, portanto, de que a vida humana é rara, mas que a vida não prescinde do humano, vão nortear a obra *Ecologia da Alma* de Marques (2012).

Nosso autor em questão assume uma postura crítica social, mas sem estar preso aos cânones ideológicos que obnubilam as compreensões mais largas. É nesse sentido que assume que o manejo do uso da natureza tem relação direta com a questão da propriedade privada. Isto significa também entender que há uma individualização no modo do ser humano estar no mundo, onde as coletividades estariam nutrindo socialmente as individualidades e não o inverso. Fazendo referência a obra **Epistemologia do Sul**, de (orgs.). Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Menezes (2010), Marques (2012) aponta que o discurso das coletividades oculta a crueldade dos silenciosos processos de homogeneização das individualidades, o que termina, paradoxalmente, a construir sociedades onde, aparentemente, as individualidades são exaltadas, mas o que há é uma massificação que gera rebanhos de humanos a serviço de alguns poucos grupos.

Porém, isso não seria tudo. A própria concepção da relação humano e natureza tem forte impacto no modo com o humano vai se relacionar com a natureza. Para Marques (2012), faltam às concepções mais disseminadas de que não há dicotomia entre um humano de um lado e a natureza de outro. Um constitui o outro. “Não existe sociedade humana. Tire dessa unidade antropocêntrica os vírus, as bactérias, as árvores, os animais, e ela desaparece” (MARQUES, 2012, p.13).

Na tentativa de buscar bases para assentar sua ideia de ecologia da alma, Marques (2012) se refere a Boff (2004)<sup>27</sup>, sobre ecologia da mente e também a ecologia profunda, que seriam relações e aberturas para o mundo de modo a despertar nas pessoas uma capacidade de escuta, de contemplação, de respeito para com o outro e de empatia. Marques avança, por exemplo, a possibilidade de tentarmos ser montanha (fazendo alusão a Porfir e Winner (in Diegues, 200:10). Marques (2012) lança a pergunta, por que não ser para senti-la? Talvez a questão não seja ser ou não montanha, mas talvez tentar estabelecer uma relação Eu-Tu com a montanha.

Marques (2012) assume que valorizar a individualidade enquanto singularidade não é pensar a individualidade como algo pessoal, mas como um sistema simbólico. A subjetividade, entendida como sistema simbólico, contemplaria a dimensão abismal do inconsciente, “nosso infinito particular”. Essa subjetividade, enquanto sistema simbólico, enquanto vida, portanto, alma, vai além do que é possível ser apreendido pela razão. “Pensamos onde não somos, porque somos onde não pensamos, como profetizou Lacan” (ANO), dirá Marques. - isto pode servir para pensar a incapacidade da racionalidade em dar conta das coisas.

Chegamos, portanto, ao entendimento básico de Marques (2012) sobre sua compreensão de alma, uma compreensão estética. Para o autor, a alma, por um lado, diz respeito a dimensão simbólica, enquanto linguagem fundadora do mundo. Esse sentido tem raízes na compreensão lacaniana, onde a linguagem é tensão insólita do que é consciente, porque ganha forma em termos de significantes, de sentidos, mas também inconsciente, porque sempre está escapando. Por outro lado, alma não poderia ser reduzida a linguagem como um instrumento (simbólico) que auxilia a manipulação do humano sobre o ambiente. A alma seria o que anima a vida, o que possibilita a relação, o diálogo, mas também o que emana dessa relação dialógica. Nesse sentido, a alma seria ainda o espírito social do corpo, pois é simbólica. “A alma é a ecologia do espírito humano; sua natureza” (p.32).

---

<sup>27</sup> Além de Boff, Canevacci (2001) também faz referência a esta nomenclatura. Há também o trabalho de Bateson (1986) “mente e natureza”, que analisa a ideia de ecologia das ideias e fala que os humanos vivem uma ecologia complexa.

Tendo esse entendimento, Marques (2012) parece voltar às suas bases sociais e críticas para alertar sobre os impactos ambientais em relação a alma. Assim, ele nos diz:

Há nova ordem mundial, a nova ordem de dominação, de colonização é descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para estruturas produtoras de signos, de sintaxes e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a ideia, a publicidade, as sondagens.... (p.34).

Esta denúncia explicaria, por exemplo, que ao ver o rio apenas como recurso a ser explorado, estaríamos expressando certa ecologia de origem capitalista. Entretanto, mesmo admitindo que existem múltiplas formas de ecologia, ou seja, de mundos simbólicos e formas de se relacionar com a natureza, na forma capitalista não caberia alma, pois o outro seria uma coisa, um desalmado.

A vida dos humanos na terra pode ser decifrada pela experiência de 'seres de almas' e inexistência dos 'seres sem alma'. E isso é determinante ao pensamento ecológico contemporâneo (MARQUES, 2012, p. 55).

A questão central da tese da alma da ecologia é a de pensarmos antes, se a terra e seus sistemas na natureza, no universo, podem, como os humanos, ser apreendida como conjunto de inteligências, inclusive, emocionais, como epistemologias cognitivas (MARQUES, 2012, p. 47).

Assim, tanto a dimensão estética, quanto a política vão estar presentes no entendimento de alma, na obra de Marques. A vida seria um rio entre alma e espírito e não um recurso a ser explorado. Há aí uma política e uma estética integradas.

Marques (2012) vai apelar para necessidade de construirmos tecnologias ecológicas de ideias que abordem “a Terra como um ser afetivo, como um Grande Espírito ao qual os nossos ligam-se” (p.52). Aqui já seria possível marcar que a questão do dialógico vai estar recorrente na obra, mesmo que de forma implícita.

O dialógico não separa, não dicotomiza seus parceiros de relação. “Um princípio radical da ecologia da alma é a religação dos humanos como parte dos complexos sistemas naturais . Homens e mulheres não estão na natureza, eles são natureza” (p.55). Assim, é possível dizer que a história humana da natureza é também a

história da natureza humana, com suas belezas e feiuras. Marques (2012), em dado momento, no desafia ao indagar: “Com qual o sentido de natureza olhamos a natureza dos sentidos ? Com que ecologia da alma olhamos a alma da ecologia?” (p. 55).

A alma enquanto olhar, que é janela, que é abertura para profundidade, não é dada metafisicamente, mas floresce na qualidade das relações. Para Marques (2103), a “alma é, nessa perspectiva, uma forma de percepção sobre o mundo que, por tabela, é uma construção simbólica nos esquemas perceptivos das pessoas e dos seres que se relacionam nos seus complexos sistemas ecológicos” (p. 56).

...a terra não poderá, jamais, deixar de ser um ponto azul nas páginas infinitas do Universo, mas para mentes expansivas, a Terra poderá ser sentida como o mais complexo dos símbolos produzidos pelos espíritos humanos (MARQUES, 2012, p.60).

Uma vereda inicial que podemos depreender da obra de Marques (2012) é que a única ecologia, pelo menos em seu sentido ontológico, é experiencial porque é a que possibilita e emana a alma. Esta visada de Marques (2012) abre, por sua vez, novas picadas que nos ajuda a pensar a questão da ecologia do diálogo, do vivido, do acontecer, tal como legado por Martin Buber.

### **3. A FILOSOFIA DIALÓGICA DE MARTIN BUBER**

Martin Buber foi um filósofo austríaco-judeu do final do século XIX, que atravessou boa parte do século XX. Seu legado diz respeito ao estudo e a compreensão da relação, do diálogo. Toda sua obra ficou conhecida como filosofia da relação ou filosofia do diálogo. Buber toma como fundamento as tradições hassídicas do judaísmo e, embora tenha desenvolvido uma obra muito particular, está próximo das tradições fenomenológicas e existências da filosofia.

Buber, textualmente, afirma: “No princípio é a relação”. A relação é, para Buber, o fator básico da condição humana. O ser humano se define como ser em relação, tanto do ponto de vista filogenético, da história da espécie, quanto ontogenético,

daquilo que caracteriza o SER humano. É possível ainda afirmar que essa condição é fundante também para as histórias individuais e coletivas do ser humano.

Principalmente na sua principal obra, *Eu-Tu*, Buber desenvolve, filosoficamente e, porque não dizer, poeticamente, sua intuição profunda onde postula a existência de duas atitudes ou dois modos de abertura para o mundo. Um proferido pela palavra-princípio EU-TU e o outro proferido pela palavra-princípio EU-ISSO. Estes dois pares ou estas duas atitudes de abertura para o mundo vão, de certa forma, tanto constituir um Eu, quanto um Outro, seja este Outro um TU ou um ISSO. Estes pares ou estas duas atitudes são modos diferentes de se relacionar com o mundo.

Do ponto de vista da caracterização desses dois modos ou domínios, vamos, de maneira muito simplória, descrever o domínio do ISSO, que se caracteriza, sobretudo, pelo mundo das coisas. O domínio do EU-ISSO, portanto, é o mundo:

- Do Eu percebo, experimento, represento, quero e sinto as coisas;
- Do Eu que se distingue do meio, que cria a relação sujeito e objeto;
- Ordenado (possibilidade de ordenar o mundo em coisas), do encadeamento das coisas, das classificações e identificações;
- Da relação de uso, de utilidade, do pragmático;
- Da produtividade, da eficiência, do lucro, da conquista;
- Do parceiro de relação enquanto meio, enquanto algo que se visa alguma coisa, que se visa metas;
- Da relação explicativa, da reflexão, da teorização, do conhecimento técnico, da manipulação.

No que diz respeito ao domínio do Eu-Tu, do reino do TU, que implica em um Eu particular, se caracteriza pela totalidade ontológica (da atualidade e do processo da relação). O domínio do EU-TU, portanto, é apreendido como:

- O TU não possui nada;
- O TU não se procura, encontra-se;
- Existe a receptividade (apreende e é apreendido);
- A relação é imediata e não mediada;
- A presença na relação, onde o Outro é o parceiro de relação em sua alteridade originária;
- Vínculo natural;
- O encontro se dá por graça;
- A relação não é da ordem do útil, da utilidade;
- A relação se consume, é fugaz.



Estes dois modos de abertura são excludentes, ou seja, o modo EU-TU é, inexoravelmente, diferente do modo EU-ISSO. Entretanto, estes mundos, estes modos são circulantes, cambiantes em seus fluxos e influxos. A relação originária, para Buber, é a palavra princípio EU-TU que, inevitavelmente, se esvai em sua intensidade natural e se transforma na outra palavra princípio, EU-ISSO. Sobre esta queda, Buber chamou esse influxo de nostalgia do TU. Assim, todo TU tem como destino vir a ser um ISSO. Por outro lado, há sempre a possibilidade do ISSO vir a ser um TU. Buber chama esse fluxo de privilégio do ISSO.

A grande nostalgia do TU é que, necessariamente, se transforma no ISSO. Mas o privilégio do ISSO é poder se tornar um TU.

Os dois modos de mundo, as duas aberturas para o mundo são distintas, mas válidas e necessárias à vida, pelo menos a vida humana. A relação EU-ISSO é necessária para o mundo humano, para vida em sociedade, para ciência, para tecnologia, para produção e até para o cotidiano mais prosaico. A grande questão é quando este modo de mundo ou esta abertura para o mundo passa ser preponderante, hipervalorizados. “O homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem” (BUBER, 1988).

Esses modos de mundos ou essas duas aberturas de mundos trazem implicações na vida, implicam em um EU e um OUTRO distintos, tanto em termos cognitivos, corporais, afetivos, vivências, quanto na ação em relação ao ambiente e no que diz respeito ao tempo. Assim, o fenômeno tempo também é alterado a depender do tipo de relação que se estabelece. O ISSO tem um término incessante, enquanto o TU é instante atual, plenamente presente. O EU do ISSO tem passado, enquanto o EU do TU é pura presença.

Buber também nos mostra que essas palavras-princípios se dão na relação com os seres da natureza, entre os seres humanos e com os seres espirituais. O humano - natureza, o inter-humano e o humano - seres espirituais têm, tanto aberturas EU-TU, quanto EU-ISSO. Porém, Buber nos faz lembrar que a relação dialógica, a presença, só é possível na relação EU-TU. Assim, a relação EU-ISSO com Deus não é uma relação de presença, pois não há diálogo, não há contato. O

que pode existir é uma explicação sobre Deus, um discurso sobre Deus, um monólogo, jamais um diálogo.

Por fim, essas brevidades sobre a filosofia do diálogo nos permite compreender algumas possíveis articulações com a ideia de ecologia da alma, na obra de Marques (2012), uma vez que ambas abordam a qualidade da relação como fundamental para a vida, para atualização ontológica da existência e para, finalmente, pensar em uma ecologia para além do objetivismo, ou seja, para uma ecologia da morada, da alma.

#### **4. O QUE A ECOLOGIA DA ALMA E A FILOSOFIA DIALÓGICA TEM A DIZER À PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Tanto na obra de Marques (2012), quanto o legado de Buber, apontam para a primazia da relação como fundantes de existências. Em Marques (2012), de modo particular, a ecologia em seu sentido próprio, enquanto morada (morada não só que abriga, mas que anima), só é possível no que chama de ecologia da alma. Nesses termos não seria exagero falar que não existiria verdadeira ecologia que não fosse uma ecologia da alma. De maneira paralela, Buber aponta para irredutibilidade do TU, de modo que este jamais poderia ser um objeto. Se é objeto, já não é mais um TU. Se estamos falando de uma ecologia não objetivista, estamos, ao menos, valorizando relações de presença, do dialógico.

Fonseca (2014c), de modo muito sensível, desenvolve e aprofunda, na perspectiva fenomenológica-existencial, a questão da temporalidade, existencialidade e suas implicações no que diz respeito as relações EU-TU e EU-ISSO. Para Fonseca (2014<sup>a</sup>, 2014b, 2014c), só há atualização no acontecer porque é presente, porque é encontro, porque é dialógico. Este acontecer, que é a possibilidade de desdobramento, de atualização, de moção, de emoção, de motivação é relativo ao relação EU-TU. Já o acontecido é passado, é relativo ao mundo das coisas, já é objetivado e é relativo a relação EU-ISSO.

Enquanto o universo do TU se desdobra sobre minha cabeça, os ventos da causalidade prostram-se a meus calcanhares e o turbilhão da fatalidade se coagula (BUBER, 1988, p. 10)

Uma das implicações da ecologia da alma e da filosofia dialógica para psicologia ambiental é que esta valoriza uma psicologia da ação, da relação, da presença. Onde há presença, não há objeto. Isto, portanto, possibilita certa psicologia ambiental que, embora tenha e deva ter um corpo teórico denso com desdobramentos práticos e consistentes, um quadro metodológico e possibilidades de gerar instrumentos, seja na dimensão da ação, na inscrição da ação com o outro, na dimensão da não utilidade, do não útil. Essa psicologia ambiental, portanto, não sendo subjetivismo, não é, muito menos, objetivista. A implicação disso, só para dar um exemplo, é que, o que interessa é o modo de estar em relação com o outro, seja esse outro os seres da natureza, o humano, ou os seres espirituais.

Em Ecologia da Alma há, claramente, o entendimento de que cada alma é síntese exclusiva de signos e significados, mas também de ânimas<sup>28</sup>. Em paralelo com a filosofia dialógica, o Tu é considerado como parceiro exclusivo, único e que se esvai em sua intensidade. Lembrando mais uma vez a música de Lenini, “Paciência”, onde canta que tudo é tão raro. A alma, que é vida mesma, sempre única, irrepitível, só se dá no diálogo, na relação de presença e na dimensão do acontecer.

## 5. FIM DO COMEÇO

Uma psicologia ambiental almada, da relação, é uma psicologia ambiental que emana de uma ecologia da alma, de relações dialógicas. Tal psicologia, que não sendo subjetivista, tão pouco é objetivista, não toma o ambiente como um objeto e como algo separado. O ambiente somos nós no sentido posto por Fonseca (2014c), o ambiente é o dialógico e o outro é o nosso parceiro de relação.

A perspectiva que toma a realidade a partir da dicotomia sujeito e objeto é, para Fonseca (2012), da ordem da consciência reflexiva, que é hegemônica no modo de nortear a vida humana. Assim:

---

<sup>28</sup> A palavra anima (ânima) ou sua variação *animus* tem origem no latim, podendo ser traduzida por “alma” ou “mente”. A raiz latina da palavra *animus* tem relação com a palavra *anemos*, no grego, que significa vento, respiração.

A consciência reflexiva, teórica, representativa, tem como condições o sujeito e o objeto, e a dicotomia entre ambos. Na medida em que a consciência teórica se dá como a contemplação que o sujeito faz de um objeto. Mais do que isto, a consciência teórica se dá no modo de sermos do acontecido. No qual se constituem como tais o sujeito e o objeto, como acontecidos, como coisas. E as condições da reincidência (re-flexão) da consciência do sujeito coisa sobre o objeto coisa. Que se constitui como o que chamamos de reflexão. A re(a)apresentação. Teoria (FONSECA, 2012, p. 225).

Nesses termos, a partir da ecologia da alma, inspirados por Marques (2012) e por Buber, não é possível uma psicologia ambiental, na reflexão, no monólogo, na exclusiva relação Eu-Isso, na paralisia do acontecido. A psicologia ambiental a partir da ecologia da alma é ontologicamente dialógica, aberta para relação Eu-Tu e assumida na presença, no acontecer. Não existe alma no monólogo. A alma é da dimensão do dialógico, pois não está dentro do Eu e nem do Outro, mas emana da relação, da relação no acontecer do presente, da presença.

A singela e potente obra de Marques (2012) e o legado incomensuravelmente inspirador de Buber, contribuem para uma nova psicologia ambiental, na esteira do que Fonseca (2014a, 2014b, 2014c) vem desenvolvendo. Tal psicologia parece surgir como crítica à psicologia ambiental objetivista, mas também como resposta à lacuna a uma produção teórica e prática, de pensar e fazer, que privilegie a relação dialógica entre os seres, que tenha uma compreensão não utilitarista da natureza, que possibilite um entendimento não dicotômico entre o humano e o ambiente e, principalmente, que esteja em sintonia com uma ecologia da alma.

## 6. REFERÊNCIA

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextane, 2004.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. **Eu e Tu**. São Paulo: Editora Moraes, 1988.

FONSECA, A. **Psicologia Ambiental Fenomenológico Existencial. Rogeriana. Gestáltica**. Disponível em <https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicologia-ambiental-fenomenologico-existencial>>. Acessado em: 23.08.2014 a.

FONSECA, A. **Bosquejos de Categorias em Psicologia Ambiental Fenomenológico Existencial**. Disponível em <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/bosquejos-de-categorias-em-psicologia-ambiental-fenomenologico-existencial>>. Acessado em: 23.08.2014 b.

FONSECA, A. **Ambiente. O ambi-ente somos nós. Considerações ontológicas e estéticas para uma ética ambiental**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/ambiente-somos-nos>>. Acessado em: 23.08.2014 c.

JURACY, Marques. **Ecologia da alma**. Petrolina: Franciscana, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

MAFFESOLI, M. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza, MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.